



“QUEM SOU EU, NA VERDADE?”: sobre identidades “pós-coloniais” em Frantz Fanon

João Pedro Pereira Rocha
UFOB
joaopedrojp56@gmail.com

RESUMO

Após a segunda metade do século XX, destaca-se o movimento pela descolonização que ganhou força e trazia no centro de suas discussões a real independência das amarras do colonialismo ocidental. Assim, num contexto de “pós-colonialismo”, aquele que envolve os personagens na descolonização, as discussões puderam gravitar em torno da libertação, sugerindo várias opções para reflexões, entre elas a da identidade vista a partir de uma herança da submissão e da exploração dos colonizados. A importância de tal abordagem está no sentido de que a identidade capacita os sujeitos a projetarem suas ações a partir de um sentimento de pertencimento coletivo, algo que possibilita sua vida em público e sua interação com o outro. O presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir dos escritos de Frantz Fanon, o modo como a identidade, no contexto pós-colonial, esteve forjada. Para tal empreendimento a metodologia foi pensada sobre duas ações: primeiramente, fazer uma revisão bibliográfica que possibilite uma discussão teórica sobre identidades em determinadas sociedades, seguido de uma análise acerca das obras *Os Condenados da Terra* e *Pele Negra Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon, de modo a identificar o trato que o autor dá à construção das identidades no contexto de luta pela libertação colonial. Na reflexão e apontamento sobre as patologias colonialistas que tanto prejudicaram a identidade do homem de cor e sua relação com a Sociedade. O autor assumidamente defende a construção de uma nova sociedade por meio de um novo humanismo que iguale todos os homens, independentemente de seu passado.

PALAVRAS-CHAVE: Frantz Fanon; Identidades; Pós-Colonialismo.

INTRODUÇÃO

O colonialismo, enquanto processo histórico e consequência num projeto de longa duração, em parte, configurou a identidade do homem no século XX. Com o fim da Segunda Guerra, as reivindicações pela libertação de colônias no Terceiro Mundo colocavam em jogo a soberania nacional de povos que chegaram a se envolver com os conflitos armados da Guerra. Nesse contexto conflituoso, coube aos intelectuais dos povos que reclamavam suas independências, refletirem sobre o modo como essas sociedades estavam a construindo seus futuros e sob quais bases.

O presente trabalho é um estudo sobre representações de identidades nos estudos de Frantz Fanon, intelectual, filósofo e psiquiatra, nascido na Ilha da Martinica. Declaradamente influenciado pelas ideias de Marx, Fanon tem em suas principais obras, *Os Condenados da Terra* e



Pele Negra Máscaras Brancas, verdadeiro manifesto pela libertação do homem de suas amarras coloniais, seja branco ou negro.

Estudos que se debruçam sobre as identidades pós-coloniais são importantes para um contexto de entendimento que procura identificar nas manifestações identitárias a cultura de homens que fora forjada num momento histórico diferente daquele do colonialismo da Era Moderna. Agora o momento é outro, temos a contemporaneidade. Assim, o presente trabalho teve por objetivo identificar as representações de Fanon a respeito das identidades pós-coloniais.

Cabe ressaltar, aqui, o uso do termo “pós-colonialismo” para este estudo. Uma vez que seus significados e interpretações podem gerar discussões ideológicas das mais diversas ordens, como bem chama atenção Stuart Hall (2011) sobre o perigo da universalização do termo. Dessa forma, o uso de tal conceito foi empregado com a finalidade única de identificar, não o fim do estágio de exploração colonialista, mas o início de um novo ciclo histórico.

E é nesse contexto de luta pela libertação colonial que as identidades dos sujeitos tornam-se passíveis de reflexão. Se, a identidade cultural na contemporaneidade encontra-se fragmentada, em decorrência dos novos espaços que são impostos à ocupação do homem (Hall, 2011), quais perspectivas devem ser colocadas às sociedades que lutaram por suas liberdades e que agora deveriam trilhar novos horizontes?

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Além de Frantz Fanon, que fora militante da libertação argelina, Homi Bhabha (2008) em seu discurso sobre cultura, expôs o pensamento de Fanon em relação às identidades pós-coloniais; Immanuel Wallerstein (2008) destaca a contribuição dos estudos de Fanon para o campo da violência, da afirmação da identidade e a luta de classes, sob o contexto pós-colonialismo; Stuart Hall (2011) propõe uma reflexão acerca da identidade cultural na contemporaneidade, atentando para o modo como a identidade humana se colocava frente à contemporaneidade.

No contexto histórico da metade do século XX, as lutas por independências forjaram focos que levantavam bandeira em prol da libertação colonial, foi assim com a Frente de



Libertação Nacional (FLN) na Argélia, onde o próprio Fanon foi militante. Tendo em vista, que entre os de 1880 e 1900, a invasão do interior em África seria uma realidade irreversível ao tempo que resistível (RANGER, 2010). Assim, o que ocorrerá, no caso específico da Argélia, seria a continuidade dos focos de resistência contra a invasão europeia no continente africano.

O problema em questão não ocupa o plano colonialista, mas na exploração do homem pelo homem. Este processo de exploração apenas encontra no colonialismo instituições e justificativas de seu tempo. Para Homi Bhabha (2008) o modo como se constrói a alienação e agressão psíquica e social é algo fruto do homem em suas relações externas: “Elas são sempre explicadas como presenças estrangeiras, conclusões do progresso histórico, a forma extrema de percepção equivocada do Homem.” (BHABHA, 2008, p. 74), e é esse um conjunto de fatores que construirá a identidade do sujeito pós-independência, pós-colonialismo.

IDENTIDADE NEGRA E A NÃO ACEITAÇÃO

Após análise de duas obras de Frantz Fanon é possível afirmar a presença de uma riqueza de reflexões que faz de sua literatura suporte para debates, não apenas em torno da temática, “identidades pós-coloniais”, mas também sobre racismo, pan-africanismo, nacionalismos no contexto de libertação colonial entre outros. Essa riqueza já tinha sido ponderada por estudiosos como Sartre (1961), Homi Bhabha (2008), Immanuel Wallerstein (2008), preocupados em discutir, interrogar e refletir o pensamento fanoniano e suas contribuições para os diversos campos do conhecimento.

Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, obra publicada ainda em vida (1952), Fanon coloca em evidência um discurso militante e revolucionário em prol da causa negra, mas não da raça pela raça, mas como objeto de libertação. A liberdade em questão está associada à negação do sujeito negro, aquele que têm sua identidade forjada no seio do colonialismo e que nega sua autonomia e autodeterminação. A chamativa construída por Fanon está sempre em torno de questionamentos que auxiliam na construção de caminhos diferentes dos já postos: *O que quer o homem de cor? Existe uma identidade negra? Qual o espaço do negro em relação ao Outro?* Indagações que operam no campo da consciência e do pertencimento sobre identidades dos povos colonizados, e



que deveriam construir suas independências a partir de ações voltadas para a superação do passado escravista e explorador, assim o autor justifica seu objetivo: “... Pretendemos nada mais nada menos, liberar o homem de cor de si próprio.” (FANON, 2008, p. 26). Dessa forma, há uma pretensão em erradicar o pensamento que liga o homem negro ao seu passado, aquele que o transforma no homem de cor, produto da relação com o Outro, o colonizador.

Quando da expansão europeia, na Era Moderna, o colonialismo se fez legítimo por meio do discurso de salvação das almas e expansão da fé da civilização. O suposto “direito” de decidir o futuro dos povos colonizados dava as monarquias europeias autoridade para explorar homens e mulheres, sobre tudo afrodescendentes, africanos, asiáticos e americanos. São essas ações passadas que, para Fanon, teriam deturpado a identidade do homem de cor, que no pós-colonialismo colocava-se, ou ao menos almejava, o lugar do colonizador. Nesse contexto, Fanon chama atenção para a historicidade da exploração do negro pelo branco, na qual este último construiu sua identidade oprimindo o negro e sua cultura, por consequência sua identidade, que é histórica.

O projeto civilizatório traria consequências desastrosas para a identidade do colono: “Nas Antilhas, o jovem negro que, na escola, não para de repetir ‘nossos pais, os gauleses’, identifica-se com o explorador, com o civilizador, com o branco que traz a verdade aos selvagens, uma verdade toda branca” (FANON, 2008, p.132). A identificação em questão é de uma criança negra que se aproxima do branco e de sua cultura, por consequência de sua identidade. No entanto, não há assimilação total, por consequência quando adulto o negro encontrar-se-á aflito, sem poder ser o *outro* ao tempo que negará o negro e sua cultura, constantemente. Assim, Fanon demonstra que “Os martinicanos são ávidos de segurança [...] Cada um deles quer *ser*, quer *aparecer*” (FANON, 2008, p. 177), são verbos que marcam a existência no meio e que representam o narcisismo constante na identidade negra forjada isoladamente, sem vínculos com o grupo social.

A descolonização é um processo violento, e, após um longo período de exploração e abusos, e quando o colonizado se vê livre, encontra-se desolado, pois descobre que a vida e



valores do colono não valem mais que a dos indígenas. Isso ocorre porque a liberdade não é um fato em si, Fanon chama atenção para consciência sobre os caminhos a serem trilhados, e sob os quais a África não poderia vir a repetir o projeto norte-americano e ser uma terceira Europa. Como orientação Fanon assinala uma perspectiva política sobre os novos homens que deveriam erigir das cinzas coloniais:

Mas se queremos que a humanidade avance, se queremos leva-la a um nível diferente daquele em que a Europa a manifestou, então é preciso inventar, então é preciso descobrir.

Se queremos responder a expectativa dos nossos povos, é preciso dirigir-se a outro lugar, e não a Europa. (FANON, 2005, p.366)

Elevando suas reflexões e indicações para as novas relações entre negro e branco, entre colonizado e colono, Fanon indica:

Todos os dois têm de se afastar das vozes desumanas de seus ancestrais respectivos, a fim de que nasça uma autentica comunicação. Antes de se engajar na voz positiva, há a ser realizada uma tentativa de desalienação em prol da liberdade. Um homem, no início de sua existência, é sempre congestionado, envolvido pela contingência. (FANON, 2008, p. 191)

No âmbito da identidade faz-se necessário a reflexão sobre as amarras e os resquícios deixados pelo colonialismo, as quais deixam ao colonizado um complexo de inferioridade, sempre perseguido, sempre culpado por suas desgraças. A culpa do negro parece ser sua existência, o que lhe acarretou o modo de vida, a exploração e o esfacelamento de sua identidade.

As complexas relações que se desenrolam na época pós-colonial têm suas raízes no colonialismo e traz a tona desafios tanto para o colonizado como para o colonizador. Prefaciando *Os Condenados da Terra*, Sartre (2005) definiu o colonialismo como um processo que busca desumanizar o sujeito dominado, por meio da negação de suas tradições e de outras violências simbólicas. Esse mesmo processo, para Fanon (2005), escraviza o homem, o branco escravizado pelo desejo de dominar, o negro escravo do estigma de inferioridade. O sentimento de inferioridade perpassa pela via de desvalorização do passado, não do Outro, mas do seu próximo. Assim, se para Homi Bhabha (2008) a não identificação do sujeito está associada a não aceitação



da imagem do sujeito, Fanon aponta que este fato associa-se a constante negação da identidade do homem negro.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS:

Ao fim deste trabalho vale destacar a importante contribuição presente no pensamento de Frantz Fanon para estudos que se ocupam das identidades na pós-modernidade, pensando o contexto pós-colonial e o espaço do homem e da sua percepção de tempo e pertencimento. A identidade do homem de cor, do colonizado ganhou novas roupagens quando Fanon utiliza de sua formação enquanto psiquiatra para analisar as consequências sociais e patológicas do colonialismo. Assim a identidade pós-colonial esteve submetida aos aspectos psicológicos de cada indivíduo que mantinha uma relação conturbada, com o próximo, consigo mesmo e com o outro.

Por fim, a discussão sobre o modo como a identidade pós-colonial foi configurada, encontra em Fanon importante contribuição acerca da não aceitação do homem de cor sobre si e sua identidade, aquela ligada ao seu passado, heranças coloniais. Os problemas que acarretavam o homem negro eram problemas psicossociais, sobretudo patologias coloniais, institucionalizadas historicamente, que, portanto, necessitavam um olhar clínico historicista, capaz de ver o comportamento de tais homens como sendo continuidade de um processo violento.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. Interrogando a identidade: Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial. In: _____. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 70-104.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Editora UFJF, 2005, 376 p.

_____. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, 194 p.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Tradução: Roland Corbisier; Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, 127 p.



HALL, Stuart. A identidade em questão. In: _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2011, p. 07-22.

_____. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: _____. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv (Org.) Tradução Adelaine La Gurdia Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 101-128.

RANGER. Terence, O. Iniciativas e resistência africanas em face da partilha e da conquista. In: **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935** / editado por

Albert Adu Boahen. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010, p. 51-72.

WALLERSTEIN, Immanuel. Ler Fanon no século XXI. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 82, Setembro, 2008, p. 3-12.